

PAISAGEM EM FESTA: A PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

OSWALDO GIOVANNINI JUNIOR

RESUMO *Festa tradicional que celebra a padroeira da aldeia Potiguara de Coqueirinho/PB, cujo apogeu é uma procissão de barcos até a vila de Barra de Mamanguape. Envolve milhares de pessoas de diversas cidades da região do vale do rio Mamanguape. Ocorre no segundo ou terceiro domingo de dezembro, dependendo da fase da maré, e é organizada principalmente por pescadores. Uma diversidade de sentidos, gestos e corporalidades é notada no comportamento dos sujeitos e nas formas como traçam suas trajetórias pela festa. Uma etnografia filmica (FRANCE, 2000) traz à discussão a relação entre festa (PEREZ, 2012) e paisagem, compreendendo-as como sistemas abertos e fluidos (INGOLD, 2015a).*

PALAVRAS - CHAVE *Paisagem, Festa, Etnografia.*

LANDSCAP IN FEAST: THE PROCESSION OF NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

ABSTRACT *Traditional feast that celebrates the patron saint of the Potiguara village of Coqueirinho/PB, whose apogee is a procession of boats to the village of Barra de Mamanguape. It involves thousands of people from different cities in the Mamanguape river valley region. It takes place on the second or third Sunday of December, depending on the stage of the tide and is mainly organized by fishermen. A diversity of senses, gestures and corporeality is noted in the behavior of the subjects and in the ways in which they trace their trajectories through the feast. A filmic ethnography (FRANCE, 2000) brings to the discussion the relationship between feast (PEREZ, 2012) and landscape, understanding them as open and fluid systems (INGOLD, 2015a).*

KEYWORDS *Landscape, Feast, Ethnography.*

O ARREBATAMENTO DA PAISAGEM

A primeira vez que fui à procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, auxiliava uma dupla de alunos em uma gravação para a disciplina de Introdução à Antropologia Visual da graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. A procissão foi tão impactante que se tornou tema de um longo projeto de pesquisa. A intensidade vivida naquele solstício de verão provocou em mim um arrebatamento. Experimentar uma procissão sob o sol quente, sobre as águas balançantes do mar, com vento e maresia no rosto, ouvindo uma mistura de música brega e hinos do catolicismo popular, com pessoas de roupa de banho, devotos pagando promessas, tudo se misturando em um pequeno e belo estuário, provocou-me inquietações.

Era inevitável a comparação com as procissões noturnas sob o luar frio de outono das montanhas no período da Semana Santa, que havia pesquisado em Minas Gerais. Bandas de música tocando composições barrocas do século XVIII, cantos em latim como o plangente de Verônica, *O vos omnes*, na procissão do Senhor Morto durante a sexta-feira da Paixão. As procissões que eu conhecia eram atos de contrição e silêncio, em ritmo lento marcado pelo compasso dos grandes sinos de bronze das igrejas barrocas setecentistas. O toque de sino de morte, ritualizando o funeral de Jesus na procissão do Senhor Morto, ou na encenação de seu sacrifício a caminho do calvário e seu encontro com a mãe em sofrimento, Nossa Senhora das Dores. As roupas longas protegendo do frio, ternos ou vestidos escuros celebrando o luto, os véus na cabeça, a cabeça baixa olhando os passos lentos das colunas bem ordenadas de fiéis, caminhantes noturnos pelas ruas sinuosas de calçamentos de pedras frias, lá em Minas. Naquele dia 21 de dezembro de 2014, eu estava em uma procissão de outra Nossa Senhora, a dos Navegantes. De Coqueirinho do Norte a Barra de Mamanguape, pessoas de bermudas, sungas e biquínis, óculos escuros, bronzado e balanço do mar. Barcos lotados de

fiéis em festa, bebendo, comendo, tomando sol, sob o som de alegres gargalhadas e aparelhagens elétricas.

O mais surpreendente para mim emergiria ainda da pergunta: “quando sai a procissão?” Na antiga cidade de Tiradentes, a procissão começa quando o sino toca; em Coqueirinho, a procissão depende do horário da maré. É a temporalidade das águas do mar que avisa aos homens e mulheres o dia e a hora do cortejo, da saída, do tempo da festa e da volta. A maré, tempo e espaço da natureza, que também marca ciclos do trabalho e da vida de muitos pescadores. Assim, a paisagem encontrou lugar em minhas pesquisas. Se estava antes e eu não percebia, agora era hora de reorientar meu olhar.

Em 2016, eu iniciaria a pesquisa sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Além de intensa, era complexa, reunindo pessoas com sentidos e comportamentos variados. Uma manifestação própria do catolicismo popular brasileiro: santas padroeiras, procissão, missas, novenários e tríduos, romaria, devoção, busca de cura, promessas e também barraquinhas de comidas e bebidas. Entretanto, a paisagem do estuário era para mim novidade. Em minhas reflexões sobre as procissões mineiras, destacava-se a questão da representação simbólica presente nos rituais e sua revelação da sociedade, a “marca da coletividade” (SANCHIS, 1993), ou a compreensão das procissões como “comentário metassocial” (GEERTZ, 1981), cuja descrição densa de símbolos e gestos poderia nos fazer acessar narrativas sobre as distribuições sociais e hierárquicas de grupos e pessoas (GIOVANNINI, 2001). Para atentar sobre a procissão marítima, acionei outras perspectivas, tomando a festa popular como “explosão de vida” (PEREZ, 2012) e as caminhadas, ou navegações, como linhas tramando uma malha fluida (INGOLD, 2015b), percebendo não apenas rituais de uma tradição, mas uma paisagem em festa.

As procissões religiosas parecem, de uma ou outra forma, “ligar simbolicamente o trajeto do signo sagrado aos caminhos

da vida cotidiana dos homens” (SANCHIS, 1983, p. 16). Análises mais clássicas sobre tais eventos procuraram observar tensões e confluências entre as várias formas de se acessar ou de se relacionar com o sagrado, seja de um catolicismo oficial, seja de um popular, e também observar as hierarquias sociais que elas supostamente afirmariam ou contestariam. Entretanto, para minha pesquisa, não interessa propriamente tomar tais procissões como afirmação ou negação de estruturas sociais, econômicas ou políticas, as quais poderiam ser observadas nas ordens de precedência, de proximidade ou afastamento das relíquias sagradas; interessa mais observar gestos, corpos, ações e relações que se desenrolam no fazer da caminhada, nas trajetórias que as pessoas, em suas subjetividades, estabelecem com seres das mais diversas formas, humanas e não humanas – tanto com santos como com o ambiente natural onde tais trajetórias acontecem, com a maré e com tantos outros elementos que a circundam ou compõem. Interessam aqui mais os enlaces de pessoas comuns com outras pessoas ou seres não humanos nos trajetos pela paisagem e menos as “precedências na constituição do cortejo” (SANCHIS, 1993, p. 17). Na atual pesquisa, não pretendo tampouco destacar supostas interferências “profanas” ou “lascivas” que se sobrepõem ao devocional e seus diversos entrelaçamentos complexos, mas apenas observar como os corpos se dispõem durante o cortejo, imersos em uma paisagem de sol, mar, rio e praia de verão. Não apenas a coletividade marcaria a forma ou os acontecimentos da procissão, mas também as condicionantes da natureza, que geram disposições e motivações corporais e de ânimo nas pessoas e em seus encontros pelos trajetos com humanos e não humanos. Se a “procissão se põe, enfim, em marcha, seguindo, em geral, um itinerário fixado pela tradição” (SANCHIS, 1993, p. 21), também se guia pela maré, pela croa, pelos ventos, pela paisagem.

A PROCISSÃO, DE COQUEIRINHO A BARRA DE MAMANGUAPE

Estamos no litoral norte do estado brasileiro da Paraíba, mais especificamente, no vale do rio Mamanguape, a 70 km da capital João Pessoa. A região, habitada originalmente pelo povo Potiguara, foi arena de uma história de colonização europeia constituída de várias fases, entre guerras de conquista e formação de aldeamentos, desde a exploração do pau-brasil (meados do século XVI), fazendas de gado (meados do século XVIII) e os primeiros engenhos de cana-de-açúcar (séculos XVIII e XIX) até a industrialização com a Cia. de Tecidos de Rio Tinto (século XX). A partir da década de 1970, a região do vale foi marcada pela economia da indústria sucroalcooleira, com a monocultura da cana-de-açúcar incentivada pelo Proálcool¹ (PEREIRA *et al.*, 2020).

¹ Programa Nacional do Alcool, criado em 1975 pelo governo brasileiro.

O território do povo indígena Potiguara compreende hoje uma porção de terra que engloba as cidades de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição. Parte dele situa-se à margem do rio Mamanguape e segue até o litoral. Do outro lado do rio, dentro do município de Rio Tinto, encontram-se algumas comunidades de agricultores e pescadores, entre elas Barra de Mamanguape, separada das aldeias Tramataia, Camurupim e Coqueirinho do Norte pelas águas do estuário. Ao longo do rio, passando por Rio Tinto e Marcação, forma-se um extenso manguezal. A região possui uma biodiversidade que contribuiu para a criação, em 1983, da ARIE da Foz do Rio Mamanguape, incorporada à APA da Barra do Rio Mamanguape em 1994. O destaque para a criação da unidade de conservação foi a ocorrência do peixe-boi marinho, em extinção no litoral brasileiro. A APA, então, situa-se nos municípios de Lucena, Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, sobrepondo-se, em parte, à TI Potiguara, onde está Coqueirinho (ICMbio, 2014).

As comunidades sempre usaram as águas do rio e do mar para navegação e pesca, assim como o mangue e as matas forneceram madeira e caça. Matas, mangue, rio e mar formam um conjunto ecológico de grande importância para as populações tradicionais, sendo esses lugares também habitados e protegidos por seres espirituais como Cumadre Fulosinha, Pai do Mangue, Mãe D'água, Caboclos e Encantados (CARDOSO e GUIMARÃES, 2012). Por outro lado, as vivências religiosas, sob influência da colonização, são também marcadas pelo catolicismo popular, principalmente as festas de santos padroeiros, entre eles N. Sra. dos Navegantes, padroeira de Coqueirinho, e Sant'Ana, padroeira de Barra de Mamanguape.

A devoção à N. Sra. dos Navegantes é de origem medieval, ocorre em vários lugares no Brasil, e foi trazida pelos marinheiros com as navegações portuguesas. Uma das mais antigas festas e capelas dedicadas a ela está em Porto Alegre e data de meados do século XIX. Seja para marinheiros portugueses, pescadores porto-alegrenses ou paraibanos, N. Sra. toma o atributo de protetora daqueles que atravessam ou trabalham no mar. A partir dos diversos mitos de origem, a devoção se atualiza “sempre que se impõe enfrentar os mares e suas incertezas” (ORO e DOS ANJOS, 2009, p. 20). Originada entre europeus, sincretizada com Iemanjá em Porto Alegre, se atualiza na Paraíba entre os Potiguaras e demais habitantes do Vale do Mamanguape.

A procissão, que percorre as águas entre a aldeia Coqueirinho e a comunidade de Barra, ocorre no segundo ou terceiro domingo de dezembro, de acordo com a maré, e tem sua estrutura ritual baseada na seguinte ordem: na capela em Coqueirinho rezam novena ou tríduo, dias antes do dia da procissão, na véspera fazem a “festa profana” com shows e bailes populares, e no domingo acontece a procissão de barco. A procissão, foco central deste texto, sai de Coqueirinho em direção à Barra, atravessa o estuário do rio Mamanguape levando a imagem de N. Sra. para se encontrar com Sant'Ana, sua mãe pela mitologia católica. É uma procissão em que “a filha vai visitar a mãe”. O clímax é o encon-

tro das duas santas na beira da praia de Barra, seguido por uma procissão na comunidade e depois o retorno para sua capela. O percurso dura entre 4 e 6 horas, pois precisa seguir o fluxo das águas marinhas, uma vez que os barcos só conseguem executar o trajeto no período de maré cheia. Romeiros, devotos e turistas, vindos de quase todo o vale, lotam as praias e os barcos.

Na sobreposição de dois mitos fundantes da festa – a santa que salva os pescadores e o encontro entre mãe e filha –, a maré emerge como o espaço-tempo das águas do mar que configura as vivências ordinárias e extraordinárias, que conecta as pessoas e, ao mesmo tempo, as coloca diante do inesperado e dos perigos do desconhecido. Ambas, relações de reciprocidade e perigo, fazem parte desse cosmos que é a maré, a paisagem que engloba humanos e não humanos em seus encontros e desencontros pela vida. É isso que a festa celebra.

UMA PAISAGEM EM FESTA

Na procissão de N. Sra. dos Navegantes está presente uma multiplicidade de sentidos – do lazer ao religioso, da romaria ao turismo, fazendo dela um evento polissêmico. Tais sentidos são evocados por muitas vozes vindas de devotos, turistas, ONGs, instituições públicas, dando à festa uma característica de polifonia (BAKHTIN, 1987). As ambivalências, disputas, acordos e contradições são subjetivadas pelas pessoas e incorporadas (CSORDAS, 2008): é o corpo que viaja, é o corpo que se posta, nu, vestido, dançando, tocando uns aos outros, comendo, bebendo, chorando, sorrindo e rezando; “o corpo deixa de ser matéria inerte ante o espetáculo da cultura e passa a ser síntese das situações vividas pelos sujeitos” (STEIL, 2011, p. 36). Minha proposta é observar os sujeitos com seus corpos, gestos e ações entrelaçados a uma paisagem, aqui entendida “... como elemento ativo na conformação da experiência vivida pelos peregrinos” (STEIL, 2011, p. 24).

Podemos observar que a festa não é um produto exclusivamente humano, ou seja, dele participam também outros agentes não humanos, como a maré. A maré marca a temporalidade da festa, marca o calendário, assim como condiciona diversas outras movimentações das pessoas ao longo de suas vidas cotidianas. O dia, a hora e o tipo de pesca, a hora de passear na praia, tempo de pescar no mangue, o tipo de pescaria, que varia de acordo com a maré. Maré também é espaço, enquanto categoria nativa, é o lugar onde se pesca, se cata caranguejo, é o mar ou a praia onde se pesca ou onde se diverte, é um lugar para onde se vai: “fulano está na maré”, “eu vou para a maré bem cedinho”. A maré faz parte da vida social assim como a vida social acontece na e de acordo com a maré. Ela é simultaneamente fenômeno natural e categoria cultural. Maré é tempo e é espaço, é “mundo-tempo” (INGOLD, 2015). O sol, a chuva, o vento, a areia, a lama também participam das condicionantes cotidianas do trabalho e das condicionantes do calendário festivo. Provocam motivações nos corpos humanos que pelos lugares de maré circulam. N. Sra. dos Navegantes, de acordo com as cosmologias nativas, também participa das definições da vida e da morte dos seres humanos, também é um ser nesse mundo e neste dia de maré favorável à procissão é dela o lugar de destaque. Como aprendemos desde Mauss, as trocas sociais são relações entre humanos e entre esses e suas deusas (MAUSS, 2003). Compreendo, então, que o entendimento da festa como fonte expressiva, criativa e reflexiva da vivência social e cultural dos grupos humanos (DAMATTA, 1983; CAVALCANTI, 2009) pode ser ampliado para além do humano. Procurando responder à interpelação etnográfica, aproximo o conceito de festa ao conceito de paisagem a fim de incluir seres de outra ordem, rompendo com a clássica dicotomia cultura e natureza na análise da festa popular tradicional.

A pesquisa etnográfica de Carlos Steil sobre a romaria de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, nos mostra como uma paisagem, uma gruta no sertão do estado onde está instalado um santuário,

é alvo de peregrinação de um grande número de pessoas, assim como uma “arena de disputas” entre grupos sociais e instituições sobre os simbolismos e os significados atribuídos ao lugar. O autor percebe, em sua pesquisa, a ocorrência de “uma ligação estreita e indissociável entre o Santuário de Bom Jesus da Lapa e a natureza circundante, repleta de elementos geográficos de grande densidade significativa”, a “natureza se torna constitutiva da mística dos romeiros” (STEIL, 1996, p. 213).

Paisagem não é apenas um pano de fundo onde a festa acontece. Considerá-la assim seria reproduzir a dicotomia paisagem natural e paisagem cultural. Se em muitas pesquisas na história da antropologia a paisagem, ou melhor, a natureza, foi abordada apenas como cenário, passiva diante de um social/cultural ativo, por outro lado, outras pesquisas mais recentes a têm reconceituado a fim de romper com o dualismo cultura e natureza (SILVEIRA, 2008). Steil e Marques valem-se de uma antropologia da paisagem, inspirados pelo livro homônimo *Anthropology of landscape* (HIRSCH, Eric e O'HANLON, 1995), para a etnografia em torno de uma peregrinação contemporânea no “Caminho das Missões”. A paisagem deixa de ser “um lugar secundário” nos estudos sobre peregrinação, onde prevalecem geralmente temas como dádiva, ritual, crença, ou “representações criadas pelos nativos” (MARQUES e STEIL, 2011, p. 43) e é analisada como um elemento ativo na experiência da caminhada, destacando a experiência sensorial, corporal, dos sujeitos nas relações que estabelecem com a natureza.

Em sua pesquisa sobre os Pataxó, no sul da Bahia, Thiago Mota Cardoso (2016) apresenta sua pesquisa a partir das “andarilhagens” feitas com o povo pelas “trilhas e malhas dos lugares” para revelar experiências do povo em habitar o mundo. Durante caminhadas, rodeadas de narrativas sobre a história das paisagens e sobre as lutas do povo Pataxó, revelam-se modos de vida, trajetórias pessoais e relações diversas. Em uma dessas conversas, o autor nos conta um pouco da vida de seu Epifânio, um

índio marinho, que funda Barra Velha. Um homem que não se prendia à terra, mas gostava de viajar para longe, de navio, e fazer amigos, os quais levava para Barra Velha quando fazia festas. Tal relato me faz pensar o quanto fazer festa também cria lugares, festas fazem lugares, definem territórios, ao mesmo tempo que firmam laços, relações e criam memórias.

Se andar é parte de várias coisas – fazer lugares, contar histórias, habitar o mundo, encontrar outros seres, inclusive encontrar pessoas e fazer festa –, logo andar e festar são experiências que se aproximam, tal qual os peregrinos de Bom Jesus da Lapa, ou dos Caminhos das Missões. Lembrando Pierre Sanchis (1993), temos em nossas vidas nos deparado com muitas caminhadas rituais e festivas. A procissão também é um caminhar por lugares, também faz lugares, encontros, territórios, produz experiências corporais, sensíveis, num constante e fluido andar, encontrar, visitar, trocar.

Pesquisando as festas de forró eletrônico no Cariri Cearense, em Crato, Roberto Marques procura uma abordagem das festas através das experiências subjetivas mais do que pela busca de fenômenos em sua totalidade como representação coletiva de uma organização social. A partir das próprias definições nativas, ele parte da ideia de que “fazer festa é fazer movimento”, reunir momentaneamente pessoas em um espaço, gerar relações fluidas e dissipá-las, promovendo outros rearranjos em outros movimentos e outras festas. Para tanto, Marques escolhe como estratégia etnográfica “perseguir um sujeito” pelas festas de forró (MARQUES, 2012, 2015). Em “Alexandre vai a festa”², o pesquisador acompanha o sujeito por diversas situações e lugares de festas no cenário do forró eletrônico caririense, revelando diversos aspectos da sociedade e da cultura, dos espaços, ambientes, performances e corporalidades envolvidas.

Lea Perez propõe tratar a festa não apenas como um fato, um “epifenômeno do social”, mas como uma questão, uma perspectiva de um mundo próprio, festivo. Uma abordagem em que

2 Alexandre vai à festa” é subtítulo de um capítulo do livro *Cariri eletrônico* (2015) e também título de um artigo independente no livro *Etnobiografia: subjetivação e etnografia* (2012).

possa, mais do que considerar pura factualidade que teria na vida social ordinária sua substância, considerá-la como uma existência própria, resgatando “a densidade afetual do instante efêmero do presenteísmo festivo, vivido como gozo e como dissipação... vivida como explosão de vida” (PEREZ, 2012, p. 25). Abrindo para a

experimentação humana do possível, isto é, do imaginário: campo das percepções e das imagens da vida coletiva, que não se reduzem à própria vida coletiva, pois que se referem e remetem à instância do desejo, do imprevisível, do indeterminado, da interioridade, da embriaguez mística, do excesso, do gozo (PEREZ, 2012, p. 34).

Na sua interpretação da obra de Duvignaud (1984), Perez firma que a festa, em sua dinâmica coloca o homem “na circulação geral dos seres”, como atos imprevisíveis que podem aparecer na sequência dos rituais ou fora deles, pois não se confunde com as cerimônias propriamente ditas, mas trata-se de uma experiência quase autônoma da vida, que pode aflorar numa festa tradicional e marcada em um calendário como em um ato amoroso entre casais, no culto ao milho dos índios Pueblo, nas romarias de Bom Jesus, pagando promessas, em caminhadas por lugares místicos ou históricos, ou ouvindo e dançando forró eletrônico ao som da Banda Loba. Arranca o humano do social e o projeta na dimensão criativa e inovadora. “Campo do possível e do desafio”, a festa é aventura, é navegar para o desconhecido, para o inesperado, para o surpreendente.

Compreendo tratar-se aqui de algo próximo àquilo que Ingold chama de habitar o mundo, numa superação da divisão entre sociedade e natureza e “de reinserir o ser humano e o devir no interior da continuidade do mundo da vida” (INGOLD, 2015b, p. 26). Tomar a festa como explosão de vida, seria pensá-la com um “acontecer”, “um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam” (INGOLD, 2015a, p. 29), onde vários caminhos são

trilhados. Pensar em uma paisagem em festa seria pensar em um mundo-tempo festivo. Superando a ideia de paisagens, e mesmo festas, como algo fixado e estabelecido, mas como malhas fluidas onde todos os seres vivos em interação podem experimentar vento, sol, chuva, maresia, movimentos de maré, “os quais afetam fundamentalmente todos os seus humores e motivações, seus movimentos e possibilidades de subsistência...” (INGOLD, 2015b, p.123). Procuo observar nesta etnografia os trajetos, os percursos e as relações que vão sendo estabelecidas entre coisas, humanos e não humanos na produção de linhas em movimento tecendo um emaranhado de uma paisagem em festa.

A fim de observar as caminhadas na procissão, nessa paisagem em festa, recorro à pesquisa etnográfica fílmica, sob inspiração de diversos cineastas-antropólogos, especificamente Claudine de France, que debruçou sobre a ideia de uma “antropologia fílmica” (FRANCE, 2000), ou “pesquisa de exploração” (FRANCE, 1998). Trata-se de realizar uma etnografia tendo como suporte metodológico a gravação audiovisual em planos contínuos de fatos, pessoas, gestos, comportamentos, corpos, rituais, objetos, seres humanos e não humanos e, claro, paisagens, no fluxo de suas interações. Uma etnografia que tem como foco “o homem tal como ele é apreendido pelo filme, na unidade e na diversidade das maneiras como coloca em cena suas ações, seu pensamento e seu meio ambiente” (FRANCE, 2000, p. 17), os quais podem ser examinados indefinidamente *a posteriori*, reexaminando as imagens gravadas “com vistas ao aprofundamento do conhecimento do real” (FRANCE, 2000, p. 27).

Minha abordagem fílmica também buscou inspiração na etnobiografia (PRELORAN, 1987; GONÇALVES, CARDOSO e MARQUES, 2012), abordando pessoas na forma de personagens, contando suas histórias, mostrando suas relações, seus trajetos pela festa, pela procissão. A proposta foi, então, escolher e caminhar com “pessoas/personagens” para revelar experiências e sentidos com a intensidade do vivido. E, ainda, pessoas/personagens

em seus trajetos em um evento festivo que não é um produto exclusivamente humano, mas uma paisagem com forte presença de não humanos. A tarefa passou a ser navegar e caminhar, ano após ano, com personagens em seus trajetos pela procissão de N. Sra. dos Navegantes. Entendo como etnobiografia a produção narrativa de pessoas que se tornam também personagens a partir da relação estabelecida com o pesquisador, em que ambos, pela intermediação da câmera, se produzem a si mesmos e produzem o mundo-tempo pelos discursos e pelas experiências vividas.

Etnografar pessoas em suas narrativas contadas para o pesquisador e suas experiências de caminhadas diante da câmera, manipulando objetos e animais, exibindo seus corpos, criando situações intensas é compor personagens que revelam em gestos, histórias, performances e corporalidades, suas relações com outros seres, sejam parentes, amigos, companheiros de procissão, sejam as santas, animais, plantas, barcos e as forças do vento, do sol, das águas do mar e do rio. Caminhei com essas pessoas por seus trajetos na procissão e, aos poucos, elas revelaram memórias, encontros, desencontros e desafios, medos, angústias e satisfações, prazeres, técnicas, visões de mundo e gostos, enfim, traziam à etnografia feita em filme a vida que explodia em festa.

Uma escolha técnica foi a da câmera discreta, de ação e à prova d'água. Os momentos da procissão, especialmente quando estávamos nos barcos, eram inundados de fortes respingos d'água. Era preciso uma câmera pequena, para ser discreta, e robusta, para tolerar as intempéries. Por outro lado, era preciso uma câmera de foco rápido, própria para ação, pois tudo acontecia com muita rapidez e intensidade. E, ainda, uma lente que captasse a profundidade de campo, garantindo o personagem, em primeiro plano, e a paisagem, da qual fazia parte, dentro do campo focal. As imagens se tornarão filme etnográfico, mas por hora se fazem texto escrito.

Ao final dos registros, era preciso ler de novo, assistir o momento novamente. A observação diferida proporciona isso sem

limite. Posso ver a festa novamente, ou pelo menos aquilo que lentes e microfones captaram. Isso me traz a oportunidade de viver de novo, de observar de novo e trazer à etnografia sua potência descritiva a fim de interpelar, a cada nova visualização, minhas reflexões e observar as imagens com os próprios interlocutores, trazendo novos elementos não observados ou ouvidos antes. Foi por esse exercício que compus este artigo, visualizando novamente as imagens de pessoas/personagens em suas trajetórias pela festa/paisagem, observando de novo, sozinho e com eles, e repensando conceitos e perspectivas. Dialogo novamente com aquelas pessoas e observo novamente seus gestos, seus encontros e suas relações, assim como os lugares por onde circularam e me levaram a circular. Meus olhos e ouvidos agora são as gravações, são imagens em movimento. Ao longo da descrição etnográfica que se segue, procurei mostrar os companheiros de caminhada como personagens de uma narrativa, recompondo os fatos em uma ordem não cronológica a fim de deixar ver o fluxo do vivido na formação de linhas de percursos, compondo uma malha em que os fios de cada um atravessam os espaços-tempo da festa em paisagem como se estivessem acontecendo em um só tempo, como numa montagem paralela (MARTIN, 2005).

NAVEGANDO COM PESSOAS/PERSONAGENS

Uma paisagem se movimenta antes da festa³. O dia amanhece, o sol nasce bem cedo no verão da Paraíba. A maré seca deixa exposta a lama do mangue na beira da enseada de Barra de Mamanguape. O chama-maré caminha pela lama entrando e saindo das tocas, levanta sua patola e acena como se chamasse as águas do mar para entrarem no estuário. Jangadas e canoas de pescadores e condutores, Baporé, Barco do Zé, Tarumirim, Iracema, estão encalhadas na lama e areia. A luz do sol ilumina o horizonte aberto, com as pedras do arrecife à mostra ao fundo. Do outro lado do rio e mar, avista-se a aldeia Tramataia, o morro onde

3 A partir das reflexões de Carneiro e Dainese, concordo que movimento pode possuir um sentido lógico e sociológico diverso, podendo ser diferente do deslocamento espacial, geográfico: "O movimento, mesmo quando em repouso, propaga conexões, espaços e identidades" (CARNEIRO e DAINESE, 2015, p. 154.).

passa a estrada para a Baía e a aldeia Coqueirinho. Os sons são de passarinhos cantando e das patolas dos caranguejos estalando. Uma brisa leve pouco incomoda as palhas dos altos e velhos coqueiros da praia. Caminho pela areia até o centro da praia, onde ficam as barracas. A turma já se movimenta fazendo o café da manhã. O ponto central da festa está enfeitado com bandeirinhas azuis e brancas, cores da santa, aguardando o encontro entre mãe e filha.

Na vila, as bandeirolas balançam com a brisa leve no adro da capela. Quase ninguém na rua. O vendedor de pão de todas as manhãs, passando de bicicleta, atende os poucos fregueses locais. O silêncio da manhã começa a ser perturbado pela chegada de carros e caminhonetes com estruturas de barracas a serem montadas. Uma caminhonete carregada de mesas, um carro puxando uma carrocinha de lanches, uma moto ligeira, um ônibus fretado, um caminhão com banheiro químico.

Em 2017, acompanhei Carlinhos Pescador, presidente da Colônia Z 61⁴, em uma viagem saindo de Rio Tinto até Barra de Mamanguape pelo rio. Encontramos-nos na Associação de Pescadores Artesanais de Rio Tinto, fartamente decorada com objetos de pescadores, quadros e esculturas reproduzindo a vida e as paisagens por onde trabalham: tarrafas, peixes, caranguejos, lagostas. Na estante, imagens de São Pedro, N. Sra. da Conceição, Iemanjá e um Preto Velho em uma canoa. Reproduziam uma paisagem entre paredes e estantes: pescadores, santos, entidades, bichos e plantas habitam não só rios, mangues e mares, habitam também o quartinho da associação. Na mesa do escritório, a imagem de N. Sra. dos Navegantes em um barquinho enfeitado para a procissão. Carlinhos disse que foi comprada em Barra de Mamanguape num dia de procissão.

“E você guarda ela aqui na Colônia!” – pergunto.

“Ela sempre viveu aqui.” – interpela.

Seguimos a estradinha em direção a Porto Novo, pequeno porto de canoas na aldeia Jaraguá. Chegando lá, Carlinhos pegou

4 Associação de pescadores de Rio Tinto e Mamanguape

a imagem da santa e se encaminhou para o barco. Primeiro desafio do dia: posicionar a imagem na proa com estabilidade. Paulo, nosso condutor, pegou uma mesinha e uma corda para amarrar. Improviso e criatividade para solucionar os pequenos desafios do caminho: a mesa, a cordinha e os nós. “Só não tem solução para a morte!”, disse ele.

Era por volta de nove da manhã, maré subindo lentamente. Estávamos em pleno rio Mamanguape, área de conservação de manguezal. O rio, de águas turvas, calmas e salobras, nessa área tem mais ou menos 50 metros de largura, com vegetação preservada em ambos os lados. Tomamos a calha e começamos a descer suas águas. Avistamos um pescador com sua canoa na beira do mangue, aratus caminhando pelas raízes do mangue vermelho, garças nas croas. A paisagem sinuosa apresentava várias formas dependendo do movimento das águas e da presença dos bichos. Perto de Tramataia, as águas do mar traziam centenas de águas vivas chamadas cebolas. Paramos o barco em uma grande croa que se forma no meio do rio na maré seca, e descemos do barco. Carlinhos pegou uma delas com as mãos e o pessoal se aproximou para ver o bicho de perto. Uma grande bola alaranjada, transparente e consistente; na parte interna dela os tentáculos curtos pareciam pular pra fora e tentar nos alcançar de forma ameaçadora. Seguiu-se um diálogo:

“Cuidado pra não encostar as costas da mão, porque queima!” – diz Carlinhos.

“Ela tá morta?”

“Não, ela tá viva, aqui só dá água viva, hahaha!”

“Olha a boca dela!”

“Cadê o olho?”

“Não tem olho não...”

Logo nos aproximamos de Barra de Mamanguape. A procissão ainda não saiu de Coqueirinho. Carlinhos falava de sua felicidade, dizia que agora é só lazer e que ia procurar a esposa, que foi por terra, dar um beijo nela, curtir e expandir sua felicidade.

Pela areia da praia e pela rua, saiu à sua procura. A rua, paralela à praia, já estava cheia de carro e de gente bebendo, comendo e dançando ao som dos paredões. Carrinho de sorvete, jovens circulando com roupas de banho dançando um funk: “Toma, Toma, toma! Então joga essa potranca! E toma, toma bumbum” (MC WM e Jerry Smith), enquanto Carlinhos prosseguia, olhando para os lados, à procura da esposa e amigos que foram por terra.

“Cadê Lena?” – perguntou para uma amiga de roupa de banho em uma roda familiar.

“Tá por ali!”

“Cadê ela?”

Atravessou o povo, as barracas e mesas, uma churrasqueira, mais uma rua, o sol quente na testa e a poeira subindo. Encontrou a esposa e outros amigos à sombra de uma barraca branca de artesanato. “Porque se escondeu tanto?”, brincou Carlinhos.

Deixei Carlinhos e Lena e fui atrás de outro personagem, Eufrázio. Liderança local e pescador aposentado, cuida da igreja junto com amigos e parentes, da organização religiosa da festa e da preparação do andor de Sant’Ana. Seu maior desafio é levar a imagem até a praia, aguardar o encontro e fazer a procissão em terra pela vila. Após a missa, atentos à movimentação da maré, organizavam o andor para levá-lo à beira do rio. As tarefas rituais em Barra estavam sincronizadas com as de Coqueirinho pelo movimento da maré; a todo o tempo comentavam sobre o nível das águas. O andor com a imagem de Sant’Ana saiu do adro da igreja na carroceria da pick-up do padre e seguiu pelas ruas. Próximos do movimento, começaram as dificuldades. Eufrázio disse: “Você acredita que tá um tumulto daquele ali de novo, home?!”.

Apesar dos esforços de organização da prefeitura, da polícia e dos moradores, o movimento da festa tem uma desordem e uma liberdade que insistem em desafiar o ritual religioso. O controle e a estabilidade são relativos e as surpresas surgem nessa paisagem. “Olha a frente aí gente, olha a frente aí, vão saindo, por favor!”, Eufrázio grita enérgico.

O padre buzina, mas as pessoas parecem não se importar, preocupadas com seus caminhares descontraídos naquele dia de sol e praia. Na barraca Caiirosca do Ever toca o brega: “... me esperou, então cheguei, soube que me amava, entendi!” (DESEJO DE MENINA). Eufrázio segue a pé para tentar organizar o caminho para a passagem da santa. Uma bicicleta de sorvete segue o carro buzinando. Os sons se fundem, se sobrepõem. O carro da polícia, parado no meio da via, atrapalha ainda mais o trânsito e a santa não passa. Com uma elegância peculiar, um homem vestindo a camisa dez do Flamengo, já meio tonto pela “birita”, levanta as mãos e tenta organizar o trânsito acenando para a santa seguir em frente junto com ele. Ao lado dele, segue Eufrázio acenando também. O espaço é pequeno e resolvem carregar o andor na mão a partir dali. Um policial chega apavorado: “Afasta aí, afasta aí que tá socorrendo uma pessoa aqui, afasta aí!”. E o bêbado continua com os braços levantados tentando colocar ordem em tudo. “Sai da frente! Tá atrapalhando”, reclama Eufrázio com ele. Um dos carregadores, sem perceber, pisa no pé de uma criança, ela chora. O povo anda e o bêbado volta a seguir o pequeno cortejo batendo palmas. Os homens caminham com o andor e o depositam em cavaletes sob as bandeirinhas no local do encontro.

Em 2018, acompanhei o trajeto de Adriano, condutor de barco e guia turístico. Pai de três filhos, rapaz novo, conhecedor da fauna e da flora da ecologia local, acompanha turistas, pesquisadores e estudantes que percorrem a região para estudos de biologia e ecologia. Trabalhou durante anos no Projeto Peixe-Boi⁷. Sua expectativa durante a festa é fazer algum passeio e recolher o lixo que boia nas águas do rio. Adriano cumprimenta várias pessoas ao longo do caminho, incluindo um casal com camisa do projeto que trabalha recolhendo lixo na praia e monitorando os peixes-boi que vivem no estuário no período da festa. Desce o motor da carrocinha, um Mercury 7.0, motor de popa, hoje em dia liberado pelo ICMBio para circular no estuário. Ele diz:

7 O projeto Viva o Peixe-boi Marinho é desenvolvido pela Fundação Mamíferos Aquáticos, desde 2013, em Barra de Mamanguape.

“Eu vou ficar por aqui um pouquinho pra ver se aparece algum movimento. Se aparece alguém querendo passear. Enquanto eu fico por aqui, se tem algum lixo boiando aqui no rio, eu vou recolhendo com Mateus, a gente sempre faz isso.”

A maré já está subindo e a lama foi sendo tomada pela água, ficando apenas uma faixa de areia seca. Caminhando ao longo da praia ou pelas ruas, acima dos barrancos, encontram-se vários grupos, cada qual ouvindo um som diferente. Um grupo com mesas, cadeiras e uma churrasqueira, ouve um funk carioca: “eu não tenho namorado, dim dim dim, pode dar em cima de mim. Tá com ciúme, pega na mão e assume” (LUDMILLA).

Navegando pelo rio, paralelo à praia, ainda antes da chegada do barco da santa, Adriano resgata uma garrafa plástica com a ajuda de Mateus. Recolhe alguns sacos de biscoito, tenta sem sucesso negociar com um turista, reencontra o casal do projeto Peixe-Boi que lhe cede sacos pretos para coleta de lixo e segue o rio novamente. A perspectiva da paisagem em festa, a partir da jangada Pitanga, faz destacar com mais força a cor verde da água e as pessoas que tomam banho, especialmente as crianças, distanciando-se um pouco do som dos carros e destacando as brincadeiras na água.

Naquele mesmo ano, um grupo de alunos acompanhou a procissão navegando com Miguel, pescador Potiguara, morador na Baía da Traição, que frequenta a festa há mais de 50 anos. Seu pai era responsável por ligar os geradores de energia em Coqueirinho, quando ainda não havia energia elétrica. Devoto da santa, reaviva a memória sobre a procissão, revelando uma história da paisagem da festa, desde a época em que os barcos eram todos “a pano”, ou seja, eram movidos a vela e não a motor. O barco, de nome São Miguel, percorre todos os anos o caminho da procissão, carregando amigos e parentes. Apontando cerca de 50 barcos ancorados na Baía da Traição, Miguel comenta: “ali tudo vai pra procissão, tudo pescador!”.

Orgulhoso no comando de seu barco, de boné e camisa do Palmeiras nos ombros, ele os alunos em direção a Coqueirinho. O mar agitado espoca as águas na proa do barco com força. Miguel se põe na frente da câmera com postura mostrando protagonismo. Sério, responsável, calmo e muito concentrado na sua tarefa, parece encenar seus movimentos. Mestrando seu barco com um pedaço de pau entrelaçado no ferro do leme sob seu pé direito, faz movimentos horizontais; o acelerador é um barbante amarrado ao motor. As ondas vão ficando mais fortes e logo o barco começa a balançar muito. As pessoas se seguram para não caírem na água. Miguel se mostra calmo, com o olhar fixo no mar.

Em Coqueirinho: mesas na praia, som alto de música, muita gente nas barracas de lanches e bebidas, barcos atracados. De longe dava para observar a capelinha. Um barco de outro pescador acaba engalhando sua “marra” (corda da ancora) embaixo do barco de Miguel. Ele e algumas pessoas tentam resolver o problema, enquanto outras pegam cerveja em um freezer. Fogos de artifício estouram no ar. O dono do outro barco, chamado Já Morreu, fala que alguém precisa mergulhar para “desengalhar” a “marra”. Miguel mergulha de roupa e boné do Palmeiras, some na profundidade, as pessoas se preocupam, mas ele volta inteiro de dentro do mar.

Em 2019, acompanhei Valter, um jovem de 25 anos. Potiguara, mora na comunidade de Morrinhos, na Baía da Traição. Filho de Valter Basílio, pescador potiguara, viaja com o pai para a maré todas as semanas para ajudar na pesca. Até 30 milhas em alto mar, com rede e anzol, pescam albacora, serra, lagosta. A vida dele é a pesca, as farras com os amigos, beber cerveja e namorar as muitas meninas que conhece. Moreno, corpo forte, cabelo com corte e penteado da moda, aparelho nos dentes e sorriso largo, traz uma pintura indígena feita com jenipapo no peito e nos ombros.

“Gosto muito de pescar... gosto demais, aquela briga toda ali com o peixe. Apesar dos perigos, tempestade, chuva, que a gente

tá ali batalhando. Que é arriscado é, viu! ... Eu sou muito devoto de nossa senhora, visse! ... Tá no mar, a gente faz aquela prece ali: ‘N. Sra. dos Navegantes, abrande esse vento, tá ventando muito, tá chovendo’, a gente pede”.

“Você vai na procissão de Nossa Senhora já tem muito tempo?”, pergunto.

“Desde da época do barco a vela. Meu pai ia com o barco, dava aquele bordo, porque era o maior trabalho chegar lá no barco a vela. O vento ruim, era uma trabalhadeira danada. Mas não perdia não, sempre gostei.”, responde.

“E quando chega lá, fica bebendo com os meninos ou vai para perto da santa, acompanha alguma coisa?”, pergunta Guiga, amigo de Valter e aluno de antropologia.

“Eu nunca fui, tu acredita? Chega lá, a gente estaciona o barco, de preferência perto de um barco que leva som grande, bota a churrasqueira na areia lá e pronto.”

“Fora beber, o que tu mais gosta da procissão?”, pergunta Guiga.

“Tirando aquela competição que os barcos ficam disputando aquela carreira, que eu gosto de carreira de barco, eu gosto da mulherada, não vou mentir. Muita mulher de biquíni na beira da praia, aquilo é colírio!”, ele brinca.

Em Coqueirinho, no domingo, encontrei Valter de sunga branca, peito depilado e usando boné da marca Tommy. A maré vinha subindo e seus amigos foram se reunindo em torno dele. A procissão já ia começar, os foguetes estouravam. Começam a subir no barco Basílio, afastado da beira d’água uns 15 metros e com água na altura do peito. Algumas meninas têm dificuldade em subir e os homens as ajudam. A diversão começa nessa brincadeira de corpos se pegando para subirem no barco. Valter grita: “Cadê o resto? Tem mais dez mulheres... vou buscar”. Desce na água e ajuda as amigas. Algumas que não sabem nadar ou que não querem molhar os cabelos, ele pega no colo e leva até o convés pelos braços.

8 Tem sido inspirador para este descentramento de olhar o trabalho de Rafael Devos, Viviane Vedana e Gabriel Coutinho, “Ver peixe”, filme de 2017, e também o filme britânico “Leviathan”, de 2012.

Procurando outras possibilidades de observação para além do olho humano, fizemos, eu e os alunos que me acompanhavam, tentativas de descentramento do olhar ao longo da investigação fílmica, fosse da imagem da santa, fosse de dentro da água, fosse por drone, visualizando pelo alto, fosse nas tocas de chama-maré que se aglomeram pela praia de Barra⁸. Pela câmera instalada sobre o andor, emoldurada pela coroa de flores por cima da santa, a imagem simula o ponto de vista da padroeira, olhando para os fiéis que transitam incessantemente à sua frente. Após a missa, homens e mulheres de várias idades se aproximam e tiram fotos com celulares, olham o resultado, confirmam ou repetem o gesto. Uma forma de entrar em contato com o sagrado, de colher uma relíquia.

A capela se esvazia, o andor se movimenta lentamente. Os foguetes estalam do lado de fora. A santa vai sair. O movimento de *traveling* lateral e frontal vai revelando o espaço, as casinhas cheias de gente, o pessoal rodeando e fotografando, olhando para a santa, cantando e batendo palmas, os carros pelas pequenas ruas, os barcos ao fundo em mar aguardando a procissão. Entre motos e carros apinhados bem perto da praia, a santa vai passando com dificuldade: “Devagar, devagar, vou tirar essa moto daqui...”.

O clima fica tenso. A santa contorna as barracas e acha uma brecha para passar sem precisar incomodar, flutua pela areia e ganha as águas, cristalinas, mas com sargaço. O barco que a levará está a uns dez metros na água. A tensão aumenta. Cabe aos homens a parte mais difícil da procissão, colocar a santa no barco Andrey, sem acidentes. Gritos, tensão, opiniões diversas, reclamações: “não vem mais pra cá esse barco, não?” ou “mais pra cá, mais pra lá, não vai dar, perai...” , vão se sobrepondo as vozes. A santa sobe ao barco pelas mãos dos homens; mais alguns ajustes e está lá. O barco anda e a procissão começa. À frente dele, nenhum outro. O coro de mulheres canta os hinos e o maestro comanda a banda de música com os metais.

Nesse momento, o drone sobe a uns 15 metros de altura e podemos observar o contexto amplo pelas suas imagens em uma panorâmica. Ao longo do horizonte, a praia de Coqueirinho se estende com muitos banhistas alheios ao movimento do andor da santa. Outros, devotos, cantam e balançam os braços molhados pelas ondas suaves da maré crescente. Jetskis se posicionam ao redor do barco da santa. Os outros barcos estão quase lotados e pessoas ainda nadam para embarcar a tempo. Em Coqueirinho, a festa continua nas casas, entre amigos e parentes que não caminham na procissão, mas ali mesmo, em terra, fazem seus encontros e caminhos, suas comidas e trocas afetivas. Dona Rosilda, uma das organizadoras antigas da festa, companheira de outras caminhadas, permanece na praia e se despede da santa com lágrimas nos olhos. Aguardarão o retorno dela e de outros que partiram a bordo dos barcos de pesca.

A procissão segue pela água formando um triângulo mais ou menos ordenado, tendo o barco da santa à frente. Barcos em velocidade, espumas emergem das marolas das águas verdes de verão. Ao fundo, a costa potiguara, Coqueirinho e Tramataia se distanciam, o sol brilha e o céu é azul com nuvens que parecem espelhar as espumas levantadas pelos motores. As cores da água mudam conforme a intensidade da luz.

No barco de Valter, as moças sentam-se na frente da cabine, quase todas juntas. Ele sobe a âncora e o barco parte. Basílio segue mais atrás no cortejo, longe do risco de navegar muito próximo aos outros barcos. Andrey, São Francisco, Izabel, Vai com Deus vão seguindo e passando por nós. Os meninos conversam com os passageiros e, ao mesmo tempo, observam os outros barcos em que também vão amigos. Gritam, soltam pilhérias, comentam cada barco que passa. Os barcos roncam seus motores, o pessoal grita, brinca. Basílio começa a acelerar e a água bate na câmera. Gritam com o barco que vai ficando para trás. No meio do trajeto da procissão, um barco próximo toca uma música de Odair Playboy e Valter dança se exibindo com sua sunga branca e

pele morena do sol da maré: “Vamos aqui atrás pra acompanhar o som”.

Pelas imagens do drone, observamos a chegada dos barcos em Barra, precedida por mais fogos de artifício. Pessoas cantando e acenando se aglomeram na beira da água do rio. Muita gente ao longo da praia, com uma forte concentração no ponto de encontro das santas. Abrem uma pequena clareira para a passagem da santa. Os barcos vão se posicionando aos poucos pela orla, do centro da enseada até o pontal. Seus motores fazem levantar a areia da beira da água tingindo o verde de marrom, em grandes manchas.

Da vista aérea, vemos que os barcos atravessando o estuário tecem uma urdidura, de início firme e direta de Coqueirinho a Barra, depois serpenteando pelos canais do estuário cheio de bancos de areia, deixando-nos a impressão de que um tecido será tramado através de seus fios. O emaranhado da malha será composto por fios heterogêneos que atravessarão a urdidura de modos variados e disformes, conforme as experiências diversificadas de quem atravessa a paisagem em festa.

A partir da câmera posicionada na coroa santa, observamos que o vento não sopra mais. O povo canta fervoroso e com semblantes sérios, a emoção começa a tomar conta na aproximação do encontro com Sant’Ana, enquanto uma senhora puxa o coro: “Ave Maria, mãe de Jesus...” E abanam os braços com os semblantes tensionados pela fé emocionada, visivelmente ansiosos, muitos chorando, batem palmas, enquanto a santa parece observá-los solenemente. Os responsáveis pelo traslado estão tensos com a descida do andor e gritam. Eufrázio, na areia, tenta afastar as pessoas do caminho. As santas se aproximam. Sant’Ana espera na areia, próxima à água, N. Sra. dos Navegantes desce à terra e o povo explode em palmas. O cortejo por terra se inicia.

Na capela, o povo chega com alegria, uns se encaminham para o andor de uma e outros para frente do andor de outra. Batem palma, choram, se emocionam diante da santa, enquanto ela

parece olhar impassiva para aqueles rostos. Muitos queimados pelo sol ou pela vida difícil: pescadores, agricultores, mães e pais de famílias. Cantam: “Maria de Nazaré...”. Uma senhora passa a mão na cara enxugando lágrimas, outra chega com velas; a música faz aflorar emoções na face das pessoas. O povo canta com força e levanta as mãos ao alto. Um momento de arrebatamento, de puro sentimento.

Enquanto isso, no barco São Miguel ancorado, Miguel se senta na borda da embarcação em frente ao fogareiro, alheio à movimentação e solitário em sua tarefa de preparar o famoso pirão de peixe – o “escabeche” é o prato tradicional preparado pelos donos de barco para oferecer aos passageiros que caminham pela procissão.

Enquanto isso, Basílio, o barco de Valter, segue rumo ao pontal, na ponta da enseada, onde ficam aqueles que só querem curtir o dia. Comenta-se que vai ser difícil achar um canto para estacionar o barco. Avista-se, no mínimo, 20 barcos enfileirados ao longo do cabo de areia, bem longe do porto onde as imagens se encontraram. Sons em volume alto vindos dos barcos e pessoas de todas as idades se espalham pela areia, pela água ou, sem sair dos barcos, fritam postas de albacora perto das cabines.

Passo a câmera para Valter e ele sai pela areia caminhando. Mexe com os amigos, com as meninas, anda em performance com a câmera que passa a dominar. De barco em barco, ele interage e filma o povo bebendo, namorando, tomando banho de rio, curtindo o sol quente do meio dia. Os barcos são pequenos nichos onde as pessoas se reúnem, se identificam, se juntam em grupos de amigos e parentes, paqueram. Em um deles se ouve: “me chama de safado puto e cafajeste” (MC KEVIN).

Algumas meninas e rapazes se aproximam para filmar, dizem que estão com fome e chamam para ir até o centro da festa, onde ficam as barracas de comidas e bebidas. Mesmo relutante, com receio de não dar tempo da travessia, Valter segue com eles. No caminho, o mangue está inundado. A câmera passa de mão

em mão e alguém diz: “estamos indo lá comprar um negócio, tá afundando, mas tamo indo, vixi maria!”. A água toma conta do mangue, risco de cortar os pés nas ostras, as folhagens bem perto, a água no pescoço e a latinha de cerveja na mão. Uma menina sobe nos ombros do rapaz. Então, a gente vê o barco da santa voltando, a procissão já acabou, e resolvemos retornar também. Os foguetes da partida da imagem retumbam no ar e voltamos aflitos com medo de ficar para trás. Ao longe, o barco da santa na maré cheia retornando. “Será que o barco vai pegar a gente, já foi óia!” E a música de Gabriel Diniz toca em outro barco: “E sabadô com as amigas na praia de Jacumã, chama as primas, as colegas que hoje vai rolar que eu tô embrasidão, é na beira da praia viver meu paredão...”. O barco, distante, dá meia volta para nos buscar. Os meninos vão com a água até o peito. As duas meninas sobem no ombro de Valter. Basílio chega e todo mundo embarca. Alguém grita: “que tumulto é esse, minha gente!” e “vou querer esse filme”.

Enquanto as pessoas nos barcos se despedem, da jangada de Adriano vemos a procissão retornando. As águas estão bem cheias, o povo tomando banho pelo rio, os fogos estourando no céu, o barco da santa saindo e, aos poucos, as outras embarcações também tomando rumo de volta para Coqueirinho, Baía, Tramataia, Rio Tinto, seguindo trajetos diferenciados, entrecortando os canais do estuário. Recolhendo algum lixo pela água, seguimos em direção ao pontal, onde estavam os barcos da “bagaceira”. Muitas latinhas de cerveja pela areia nos esperam para serem recolhidas. Adriano desce do barco e ajuda Mateus com o saco plástico. Outro barco toca uma música de Cássia Eller: “Quem sabe ainda sou uma garotinha”, enquanto a dupla recolhe o lixo deixado para trás. O sol ainda causticante reflete na areia. Adriano e Mateus recolhem o lixo com a testa franzida pelo esforço. O vento também é bem forte nessa ponta da enseada. Ocorre um fato inusitado: um barco retardatário começa a jogar latinhas vazias de cerveja na areia para a dupla, como se eles fos-

sem catadores de material reciclável. Adriano comenta: “esse foi outro episódio engraçado, achou que a gente estava coletando e era pra eles jogarem...”.

Retornamos e muita gente ainda tomava banho de rio, agora mais turvo por causa da areia remexida. Ao final daquele dia, seguiria em minha jornada etnográfica, solitariamente. Retorno ao mesmo local de partida, onde os chama-maré anunciavam o início da subida das águas, e capturo pelas lentes da minha câmera posicionada na lama eles subindo das tocas com suas grandes patolas, uma jangada encalhada na areia e vários copos plásticos jogados na lama. Não há mais som de paredão, nem funk, nem brega, nem rock, somente o vento batendo forte nas palhas dos velhos coqueiros que ajudam a contar a história da paisagem. A malha dos barcos e gentes trazidos pela maré desteceu seus fios. Ao longe, uma moto força o motor indo embora e sumindo aos poucos, enquanto os caranguejinhos sobem de suas tocas iniciando novo ciclo.

Fim de festa!

CONCLUSÃO

Na descrição acima procurei trazer uma paisagem em festa com seus entrelaçamentos de seres e coisas, como uma experiência para além do humano. Dimensões afetivas, cognitivas, sensoriais, corporais, expressas nas performances, nos rituais e nas *mise-en-scènes* dos personagens. Uma explosão de vida, a intensidade de um coletivo do qual participam humanos e não humanos, com movimentos condicionados pela força da maré, pelo calor do sol, pelo sopro do vento, pelo balanço das águas.

Acompanhar pessoas em suas trajetórias pelos caminhos que percorrem, pelo mundo onde habitam e festejam, parece bom para observar comportamentos e encontros, assim como revelar mundos coletivos, repletos de sons, performances, ambientes, gentes, bichos e muitas outras coisas e seres. As experiências

subjetivas nos revelam experiências dos fenômenos, no caso festa e paisagem, para além de padrões institucionalizados afirmados por uma estrutura social, nos levando para o campo da fluidez, da heterogeneidade de arranjos, da indeterminação e da surpresa, embora não desvinculado das tradições e dos pertencimentos. Acompanhar pessoas, que se fazem também personagens, pelas festas pode ser uma estratégia etnográfica reveladora de aspectos de uma paisagem em festa que realçam mais os “imponderáveis da vida social” (MALINOWSKI, 1978) do que as ordens ou desordens, as estruturas ou antiestruturas das instituições sociais. Faz emergir mais daquilo que é da surpresa, do inesperado, da aventura, do que da organização previsível pautada na repetição.

O caráter fugidio e provisório da festa tece e destece malhas, fazendo as pessoas mergulharem naquela “circulação geral dos seres” que nos lembra Lea Perez (2012), sempre fluido e em processo em um “mundo-tempo” (INGOLD, 2015b) de acontecimentos. O que esta etnografia pretende destacar é o proveito de focar nos processos de constituição de uma paisagem em festa, colidindo com a repetição dos rituais estruturantes do evento. Uma etnografia da festa para além da festa fato, tomando as experiências como perspectivas de vida que só a aventura, o improviso, a criatividade, a emoção, a embriaguez mística ou alcoólica proporcionam.

Ainda com Mauss, estamos diante de situações da vida em que as trocas são constantes e fundamentais, afinal, fazer festa é fazer, reafirmar ou desfazer relações. Relações que, por sua vez, fazem lugares, tempos e memórias. A reciprocidade é o princípio operatório da festa como explosão de vida. Os seres percorrem suas trajetórias ao longo de seu mundo-tempo estabelecendo, ou negando, relações com outros seres e coisas, sejam amigos, namorados, água, calor, sol, albacoras, aratus, cebolas do mar, chama-maré, lama, cana, cerveja. As trajetórias dos sujeitos traçam linhas em várias direções que tocam outros sujeitos que percorrem trajetos formando outras linhas, o emaranhado de linhas forma malhas como teias de aranha, feitas e refeitas diversas ve-

zes, como processos fluidos (INGOLD, 2012). Trazer a festa à vida e retirá-la da reificação de um objeto fato posto é o esforço desta etnografia. Trata-se de observar as diversas experiências de fazer festa, ou de estar na festa, de circular pela festa, de trilhar a festa, revelando experiências desse mundo-tempo e desenhando com o entrelaçamento de linhas tecidas por coisas e pessoas os contornos fluidos e volúveis da paisagem em festa.

Enfim, tratei de aproximar campos de pesquisa, de entrelaçá-los: antropologia da festa, antropologia da paisagem e antropologia fílmica, etnografando uma experiência do catolicismo popular dos povos do Vale do Mamanguape em uma unidade de conservação ambiental. Acredito que, nessas imagens, o povo do vale se manifesta em múltiplas vozes, em uma polifonia de vozes, sons, músicas e corpos e sentidos, como um povo que habita essas terras, mangues, rios e marés, sobrevivendo às ruínas (TSING, 2019) da colonização. São corpos que por aqui habitam e cantam e dançam e bebem e comem em profusão brincando e “arengando” com um mundo que muitas vezes o contradiz. Por isso, fazer festa também é fazer território, fazer política, fazer vida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabellais*. Brasília, DF, Ed. da UNB; São Paulo: Hucitec, 1987.

CARDOSO, Thiago Mota. *Paisagens em transe: uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal*. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

CARNEIRO, Ana; DAINESE, Grazielle. Nota sobre diferenças e diferenciações etnográficas do movimento. *RURIS*, v. 9, n. 1, p. 143-166 Campinas, IFCH/Unicamp, 2015.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais Malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriela Casimiro (Orgs.). *Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba*. Brasília, FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.

CARDOSO, Vânia; GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto. *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro ed., 2012.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A festa e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

CSORDAS, Thomas. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: URGs, 2008.

DEVOS, Rafael Vitorino; VEDANA, Viviane; BARBOSA, Gabriel Coutinho. Paisagens como panorama e ritmos audiovisuais: percepção ambiental na pesca da tainha. *Revista Giz*, v.1, p. 41-58, São Paulo, USP, 2016.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FRANCE, Claudine. *Cinema e antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

FRANCE, Claudine. Antropologia fílmica. Uma gênese difícil, mas promissora. In: FRANCE, Claudine de (Org.). *Do filme etnográfico à antropologia fílmica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000, p. 17-42.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

GIOVANNINI JUNIOR, Oswaldo. Cidade Presépio em tempos de Paixão. Turismo e religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes. In: BANDUCCI; BARRETO (Orgs.).

Turismo e identidade local. Uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001, p. 149-174.

HIRSCH, Eric; O'HANLON, Michael. *Anthropology of landscape.* Oxford University Press, 1995.

ICMBIO. *Plano de Manejo: APA Mamanguape.* Brasília, 2014.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, ano 18, n 37, p. 25-44. Porto Alegre, 2012.

INGOLD, Tim. *Lineas: una breve historia.* Barcelona: Editorial Gedisa, 2015a.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.* Petrópolis: Vozes, 2015b.

LEVIATHAN. Direção: Véréna Paravel e Lucien Castaing-Taylor. USA/France/UK, 2012. /DCP/1.85:1/Dolby 5.1/ (87 min.)

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Coleção Os Pensadores. *Malinowski.* São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARQUES, Roberto. *Cariri eletrônico: paisagens sonoras no Nordeste.* São Paulo: Intermeios, 2015.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica.* Lisboa: editora Dinalivros, 2005.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia.* V II São Paulo: Edusp, 2003, p. 183-314.

PRELLORÁN, Jorge. Conceitos éticos e estéticos no cinema etnográfico. *Caderno de textos – Antropologia Visual.* Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1987.

ORO, Ari Pedro; DOS ANJOS, José Carlos Gomes. *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre: sincretismo entre Maria e Iemanjá.* Porto Alegre: SMC, 2009.

PEREIRA, Antônio Alberto *et al.* (Orgs.). *História, cultura e sustentabilidade do Vale do Mamanguape: livro paradidático para educação básica*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

PEREZ, Lea Freitas. Festa para além da festa. In: PEREZ, AMARAL e MESQUITA (Orgs.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 21-65.

SANCHIS, Pierre. A caminhada ritual. *Religião e Sociedade*, n. 9, p. 15-26, Rio de Janeiro, 1983.

SILVEIRA, Pedro Castelo Branco. *Etnografia da paisagem: natureza, cultura e hibridismo em São Luiz do Paraitinga*. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

STEIL. Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra Sá *O sertão das romarias. Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

STEIL. Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra Sá. *Caminhos de Santiago no Brasil: interfaces entre turismo e religião*. Rio de Janeiro: Contracapa, Faperj, 2011.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEM Mil folhas, 2019.

VER Peixe. Direção: Rafael Devos, Viviane Vedana e Gabriel Coutinho. Florianópolis, 2017. DVD/4 (46 min.)

OSWALDO GIOVANNINI JUNIOR – Doutor em Antropologia pelo IFCS/UFRJ, professor de antropologia na UFPB, Campus IV, Rio Tinto. Estágio pós-doutoral pelo PPGAS/UFRN.